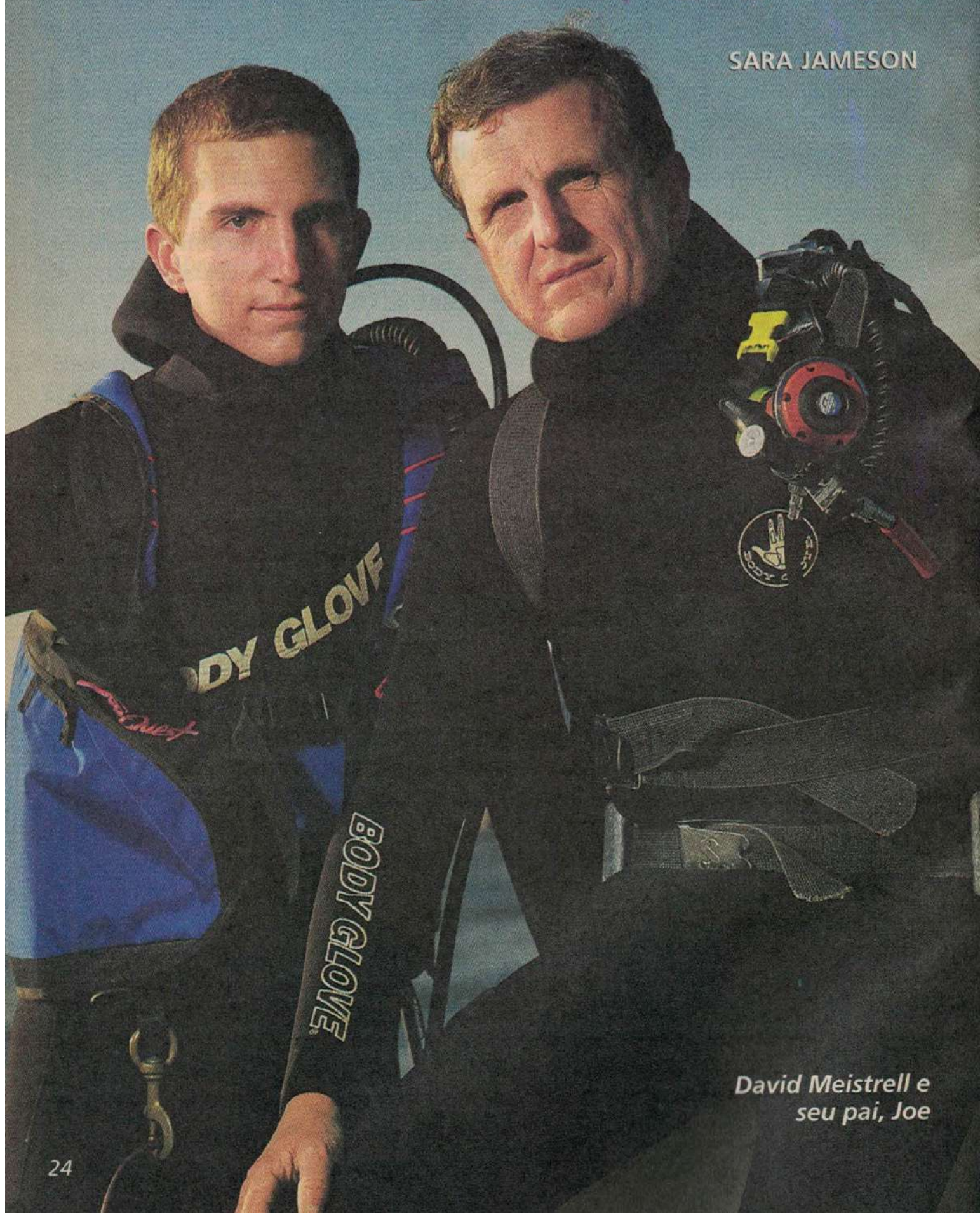


DRAMA DA VIDA REAL

Só resta

SARA JAMESON



David Meistrell e
seu pai, Joe

um minuto

O mergulho que começou como aventura de pai e filho transformou-se, de repente, numa apavorante contagem regressiva

DAVID MEISTRELL, de 17 anos, pendurou uma bolsa de malha de um metro de comprimento no cinto de sua roupa preta de mergulhador. Em volta do barco levemente oscilante, a Baía de Santa Mônica, na Califórnia, reluzia sob uma lua quase cheia.

– Vamos lá, papai! Vamos pegar mais lagostas – disse David, com um sorriso.

Joe Meistrell, 49 anos, sorriu de volta para seu único filho. Como biólogo marinho, há 25 anos mergulhava rotineiramente nessas águas. Também ele estava animado com a idéia de outro mergulho de 27 metros de profundidade até o “Avalon”, barco a vapor que naufragara numa tempestade 30 anos antes. No primeiro mergulho, tinham tirado três lagostas do casco de nove metros.

Quando se preparavam para o segundo mergulho, naquela noite de 6 de outubro de 1995, Joe lembrou-se de uma antiga foto na qual David aparecia numa piscina para crianças usando equipamento de *snorkel* e máscara, com uma lagosta de plástico na mão. Já então, o menino só pensava em pes-

car lagostas. Aos 14 anos, era um mergulhador experiente.

Joe verificou o cilindro de ar comprimido de David.

– Está bem, pode ir – disse. – Mas não desapareça.

David respondeu com um aceno e escorregou pela borda para dentro d’água. Joe foi logo atrás.

Apenas uma linha luminosa de bolhas e o brilho da lâmpada presa ao cilindro de David indicavam sua descida para o fundo lamacento. A 23 metros de profundidade, ele parou de descer e seguiu em frente, com poderosos impulsos das nadadeiras, desaparecendo na escuridão. Joe nadou com força para alcançá-lo. Lá embaixo, difusamente, as ruínas retorcidas do “Avalon” começaram a aparecer.

Antes, ainda no barco, Joe prevenira o filho de que só deveriam permanecer 18 minutos no fundo. Embora o ar dos cilindros desse para mais, Joe preferiu ser cauteloso sobre o tempo em que deveriam ficar expostos à mistura de nitrogênio e oxigênio dos cilindros. No primeiro mergulho tinham ficado 33 minutos.

Um pequeno computador preso a

um tubo do cilindro de Joe calculava quanto faltava para que seus corpos se saturassem de nitrogênio. A telinha de duas polegadas avisaria se houvesse necessidade de uma parada para descompressão, a sete metros, antes de voltar à superfície, para evitar o mal-dos-mergulhadores, estado doloroso e potencialmente fatal que acontece quando bolhas de nitrogênio se formam na corrente sanguínea e nos tecidos. Subir rápido demais também pode levar à morte por ruptura dos pulmões.

Nadaram dez minutos sobre os destroços enferrujados. Depois examinaram a proa quase intacta, apontando as lanternas de mão através de buracos irregulares de 15 centímetros, abertos pela corrosão no grosso metal do lado esquerdo. Lá dentro, lagostas nadavam em fuga, assustadas com a luz repentina. A pesca ia ser excelente.

Mas quando Joe olhou para a altura do seu pé esquerdo, onde o filho estivera pouco antes, David havia desaparecido. *Onde se meteu?* pensou.

DAVID SUPÔS que o pai o vira seguir uma lagosta para dentro de uma abertura de 45 centímetros de diâmetro no casco, onde a proa se enterrara no chão. O rapaz conseguira atravessar uma angulosa passagem num espaço apertado de cerca de oito metros de largura, atravancado de vigas, pedaços de ferro enferrujado e anteparas caídas.

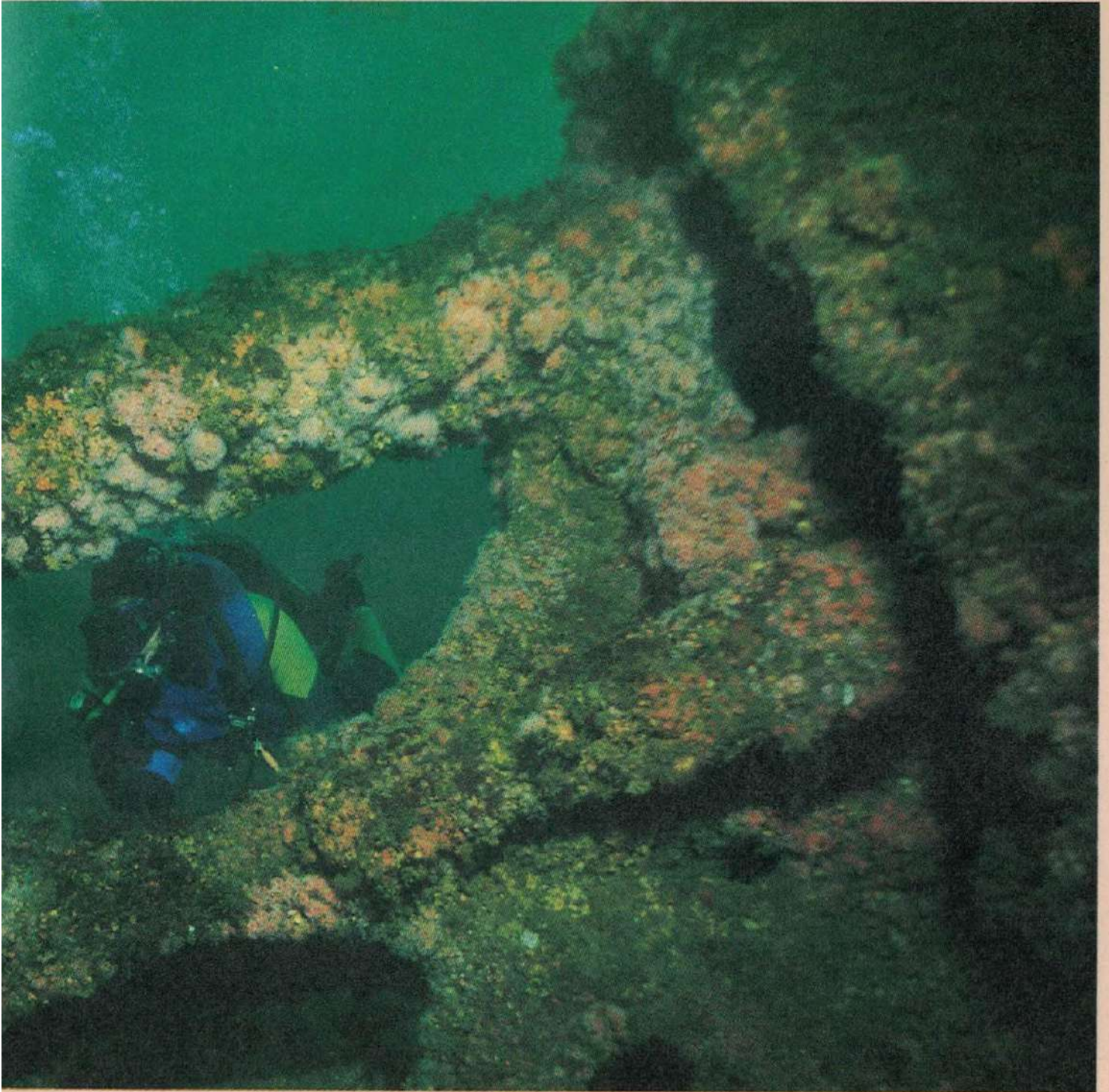
Agarrou uma lagosta, com cuidado para que os longos espinhos não lhe furassem as luvas. Virando-se no estreito espaço, esgueirou-se de volta



Os restos corroídos e pontiagudos

para a abertura. Ia entregar a lagosta ao pai e voltar às pressas em busca de outras.

UMA FINA ESTEIRA de lama redemoinhou diante da luz da lanterna de Joe enquanto ele inspecionava o buraco de 45 centímetros. *Teria David entrado ali atrás de uma lagosta?*, inda-



do Avalon convidam lagostas, mergulhadores e perigo

gou-se. O buraco parece terrivelmente apertado. Talvez ele tenha ido para o outro lado.

Nadou alguns metros para a esquerda e olhou pela proa para o vasto convés que se perdia na escuridão lamacenta. Não viu David. Sentiu um calafrio. Não se preocupe, disse para si próprio. Não pode estar muito longe.

De repente, a mão do rapaz projetou-se do buraco segurando uma agitada lagosta. *Graças a Deus*, pensou Joe, com um suspiro de alívio. Agarrou a lagosta e enfiou-a na bolsa, certo de que David o seguiria. Em vez disso, o filho desapareceu novamente. Joe iluminou o buraco com a lanterna, mas tudo que viu foi água lodosa.

Estavam no fundo há 13 minutos.

Saia daí, murmurou Joe para si mesmo. *Temos que ir*.

Mas David não reapareceu. Passaram-se mais dois minutos.

Devo procurá-lo?, pensou Joe. Felizmente tinha feito David usar o novo cilindro de 80 pés cúbicos. O rapaz consumia ar rapidamente, sobretudo quando excitado. Seu próprio cilindro, mais velho, de 72 pés cúbicos, não era igual ao de David: tinha um dispositivo que avisava quando o ar estava acabando.

Outro minuto decorreu. *David teria ficado preso lá dentro?*, pensou Joe. *Seria melhor dar uma olhada*. Mas quando começou a espremer-se para dentro do buraco, o cilindro de ar ficou preso.

Por mais força que fizesse, Joe não se conseguia soltar. Logo começou a ofegar, aspirando vigorosamente no regulador para tomar fôlego, enquanto lutava. O ar começou a faltar.

Ainda preso na abertura, estendeu a mão sobre o ombro esquerdo e puxou uma válvula para liberar as últimas 450 libras de ar. Ficou mais fácil respirar, mas Joe sabia que só com muita sorte o ar iria além de sete minutos.

Com grande impulso, libertou-se e saiu. Tremia do esforço, suando apesar da água fria. Nunca se sentira tão só. A pergunta que tentara evitar persistia. *E se o ar acabar e David não tiver aparecido?*

Poucos meses antes, um mergulhador de 14 anos explorava com o pai um navio naufragado nas proximidades e os dois se afogaram quando o ar

acabou. *Deus, por favor, tire David de onde ele estiver*.

Sabia, no fundo do coração, que esperaria o tempo que fosse necessário. Mesmo que o ar acabasse, nunca sairia dali sem o filho.

ANIMADO COM A LAGOSTA, David voltara para continuar pescando. Duas outras fugiram à sua direita, cegando-o com uma nuvem de ferrugem. Desorientado, girou levantando mais ferrugem e sedimento.

É melhor dar o fora daqui, pensou, virando-se para o lugar onde imaginava estar a saída. Mas não a encontrou. Tateou com a mão uma superfície sólida. *O casco? O convés?* Apavorado, largou a sacola onde guardava as lagostas e nadou mais rápido. Bateu numa quina, atingindo um cano com a cabeça, ainda incapaz de encontrar a saída.

Talvez eu ache outra abertura, pensou. Nadou na direção que supôs fosse para cima. De repente estava com a cabeça num bolsão de ar triangular de 60 centímetros de largura formado pelas bolhas que ele exalava sob a ponta da proa.

Examinou o manômetro – instrumento que mede a pressão. Apenas 500 libras. Não duraria mais de três minutos se continuasse respirando tão depressa.

Desprendeu a peça da boca e sorveu um trago do ar preso. Apesar do alto nível de gás carbônico, ainda havia um pouco de oxigênio. Respirá-lo economizaria o que restava no tanque. *De qualquer maneira, prefiro morrer respirando gás carbônico a morrer engolindo água*, pensou.

Começou a gritar.

– Papai, me ajude! Não consigo sair. Não me deixe morrer!

PREOCUPADO COM a demora do filho, Joe deixou de lado a abertura e nadou para cima, seguindo a parede quase vertical do navio. Subitamente, ouviu os gritos de David. O alívio impediu que ele se surpreendesse com a clareza das palavras. Geralmente a água abafa os sons. Pouco lhe importava. O filho estava vivo!

Joe espiou por um buraco de 15 centímetros no metal, explorando com a lanterna as águas turvas. Viu o reflexo de algo brilhante e reconheceu o traje de mergulhador de David, a meio metro de distância. Apenas uns 30 centímetros do aço do convés os separava, mas era como se fosse um quilômetro.

– Desça! – gritou Joe fora do regulador, as palavras modificando-se na água. Viu o filho voltar-se para ele. Enfiando a mão no buraco, Joe mostrou a abertura. Quando olhou de novo, David tinha desaparecido.

Dirigiu-se, então, às pressas para a abertura, procurando sinais de movimento. Nada. *Não entre em pânico, David*, pensou. O manômetro de Joe caiu para menos de 200 libras – talvez desse para dois minutos.

DAVID TATEOU entre as vigas do navio, o pulso disparado. Segundos transcorreram. *Estou na direção certa?*, indagou-se. O medo dava-lhe cãibras.

Desesperado, voltou com dificuldade para o bolsão de ar, livrou-se do re-

gulador e respirou com esforço o ar viciado e metálico.

– Socorro, papai! Estou preso! Não me abandone! Não quero morrer!

DEPOIS DE ESPERAR o que lhe pareceu uma eternidade para entrar, Joe prendeu a lanterna numa fenda para orientar o filho. *Quase não brilha na água turva*, pensou. *Mas o jeito é tentar*.

Em seguida, voltou para o casco, guiando-se pelo tato no metal áspero até chegar ao buraco menor. Ouviu os gritos de David. Estendendo a mão, tocou-lhe o pulso. Fitou demoradamente os olhos azuis do filho, esperando que ele compreendesse.

Meteu o braço pelo buraco e apontou outra vez a abertura. Sentiu o filho agarrar-lhe firmemente o braço, e apalpar até a ponta dos dedos. Finalmente David soltou-se. *Isto!*, pensou Joe, enquanto o ar voltava com força do regulador e o manômetro caía para zero. *Se David não achar a abertura agora, com certeza morreremos*.

Joe nadou até o buraco. Aguardou ajoelhado junto à luz da lanterna, o coração marcando os segundos. Esforçou-se para inalar, porém não conseguiu mais ar. As últimas bolhas escaparam do regulador.

Mordeu com força a borracha, evitando ofegar por reflexo. O coração marcava o tempo. Quatro..., cinco..., seis...

DAVID MOVIA-SE aos trancos, cegamente, apalpando uma borda suspensa. Viu à frente um fraco brilho: era a abertura. *Papai está ali!*

Tremendo de alívio, começou a es-

premer o corpo pela passagem. O cilindro produziu um barulho e ele parou, o cilindro firmemente preso. Fez um esforço violento.

– Papai, me puxe! – gritou.

PERTO DO BURACO, prendendo a respiração, Joe olhou. *Será que alguma coisa se mexeu? É o David!*

Estendeu a mão, mas o rapaz parou de se esforçar.

– Não pare agora! – gritou Joe, com os dentes cerrados. Adiantou-se, agarrando a correia do ombro de David, e deu um puxão. O metal arrastou-se, prendeu-se, depois se soltou. David pulou em seus braços.

Apertando o filho contra o peito, Joe desafivelou os pesados cintos e livrou-se deles. Apoiando-se no chão para impelir firmemente com as pernas, e agitando freneticamente as nadadeiras, partiu para a superfície segurando o filho.

Os pulmões de Joe clamavam por ar, e seu computador de mergulho alertava: *suba devagar*. Ele, porém, ignorou o aviso. Era caso de vida ou morte.

Ao subirem rapidamente, a pressão do mar caiu. Mais pressurizado do que a água em redor, o cilindro de Joe soltou um último suspiro. Com esse sopro final, ele reviveu. Dando um im-

pulso, expirou com força para evitar que a rápida queda de pressão causasse a ruptura dos pulmões.

Pai e filho emergiram ruidosamente no ar noturno, livraram-se dos reguladores e fartaram-se de oxigênio. Depois de respirar profundamente três vezes, Joe arrancou a máscara de David e examinou-lhe o rosto à procura do sangue espumoso que indica pulmões rompidos. Tudo que viu foram lágrimas de alegria iguais às suas.

Mais tarde, naquela mesma noite, David começou a sentir dolorosas pontadas no cotovelo e no tornozelo – sintomas do mal-dos-mergulhadores. No Long Beach Memorial Hospital, ali perto, pai e filho submeteram-se a tratamento com oxigênio em câmaras hiperbáricas. As dores de David desapareceram rapidamente, quando as bolhas de nitrogênio se dissiparam nos tecidos. O pai nunca apresentou sintoma algum.

Joe Meistrell sabia que tinham sobrevivido por milagre. O filho aprendeu algo mais. Duas semanas depois, numa dissertação do exame para entrar na faculdade, David escreveu: “Só estou vivo porque meu pai se dispôs a sacrificar-se. Ele me ajudou a compreender que o mais importante na vida são aqueles que amamos.”



Batalha no armário. Quando uma mulher vai até seu armário e diz “não tenho nada para vestir”, ela, na verdade, quer dizer “não tenho nada *novo* para vestir”. Quando um homem vai até seu armário e diz “não tenho nada para vestir”, o que ele realmente quer dizer é “não tenho nada *limpo* para vestir”.

Diana Jordan e Paul Seaburn, *A wife's little instruction book* (Avon)